

As baleias, a leitura e a etnografia

José Guilherme Cantor Magnani

Tudo começou com o relato em 2005 de Mauricio Cantor (meu sobrinho), hoje pós-doutor em ecologia comportamental no *Max Planck Institute of Animal Behavior*, Alemanha—em uma de suas primeiras pesquisas de campo (ou mar), com baleias, em Santa Catarina. Apesar da aparente diferença entre nossos interesses, um ponto havia em comum entre seu estudo e a Antropologia: o “sistema social” das baleias. Contava-me ele, então, que, sentado no alto de uma colina na praia da Silveira, Garopaba, prancheta na mão, observava e registrava o ritmo de aparecimento e submersão de um grupo de baleias-franca: ora aqui, ora acolá; às vezes em grandes intervalos de tempo e outras, mais seguidinhas... E, principalmente, onde elas queriam, individualmente ou em grupo e não de onde Mauricio pensava que iam emergir.

A partir desse relato, logo percebi uma semelhança com a formação do antropólogo, em suas leituras para construir o quadro teórico de sua pesquisa: seja dos clássicos – James Frazer, Bronislaw Malinowski, Radcliffe-Brown, Ruth Benedict, Claude Lévi-Strauss – ou dos contemporâneos, tipo Roy Wagner, Tim Ingold, Donna Haraway, Marilyn Strathern. Vai-se lendo e, de repente, surge um imenso parágrafo, ininteligível. A tentação é respirar fundo, reler, tentar outra vez e mais outra... para no fim fechar o livro, tomar um café, deixar para amanhã, ler uma tirinha com as tiradas da Mafalda do Quino...

Nada disso: é aí então que entram as baleias: elas surgem quando e onde querem. A saída é continuar lendo, mais adiante o texto pode brindar uma passagem mais legível. Ufa... mas de repente emerge outra, do nada, mais confusa ainda e assim por diante, alternando. Numa segunda leitura do livro, aqueles trechos específicos se tornam claros: o autor explicou de novo, uma nota de rodapé esclareceu: é que a baleia resolveu surgir e lançar seu borrifo ali, agora...

Se inicialmente a metáfora era para a leitura, pode ser estendida para a própria pesquisa de campo: todo antropólogo sabe que é preciso ir uma, duas, inúmeras vezes a campo – na parte da manhã, de tarde, à noitinha; nos dias de semana, no sábado. Nunca se sabe quando o *insight* (o borrifo da baleia) vai surgir. Isso vale também para a escrita do relato de campo.

A propósito, lembro do que em alguma aula chamei de “a maldição da página em branco” (nos tempos da máquina de escrever): aquela hora em que, acomodado na escrivaninha, tinha-se diante de si a folha de papel no rolo, já datilografado o subtítulo (“Introdução”) e...não saía nada; não muito diferente do que pode ocorrer diante da tela do computador, hoje. No entanto, havia surgido uma ideia na caminhada de volta do campo para casa, ou a citação de um autor que ia ajudar a entender determinado

lance da pesquisa. Por que não começar anotando já essa sacada, mesmo se estivesse mais bem situada lá no meio do argumento ou na conclusão? À medida em que o texto vai sendo trabalhado, esse registro meio extemporâneo certamente vai encontrar seu lugar.

É o que aprendemos com as baleias. E também com o lobo-guará, a gralha azul.

São Paulo, 2020